

arte





**Portinari:
sonho e
realidade**

Elza Ajzenberg

As comemorações de 120 anos do nascimento do pintor Cândido Portinari (Brodowski, 1903 – Rio de Janeiro, 1962) motivam repensar o perfil, a trajetória artística e os objetivos temáticos do artista. Hoje, muitas questões podem ser assinaladas. Como podem estar conectadas, por exemplo, suas contribuições às suas vivências e às questões históricas e sociais?

A revisão de sua densa e numerosa obra, ou mesmo de uma mostra de sua trajetória, revela um artífice valorizando experiências históricas e vanguardistas. Suas memórias contam muito. Filho de imigrantes italianos, desde criança manifesta sua vocação artística. Aos 15 anos, sai de Brodowski e vai para o Rio de Janeiro, em busca de conhecimentos de pintura, matriculando-se na Escola Nacional de Belas Artes.

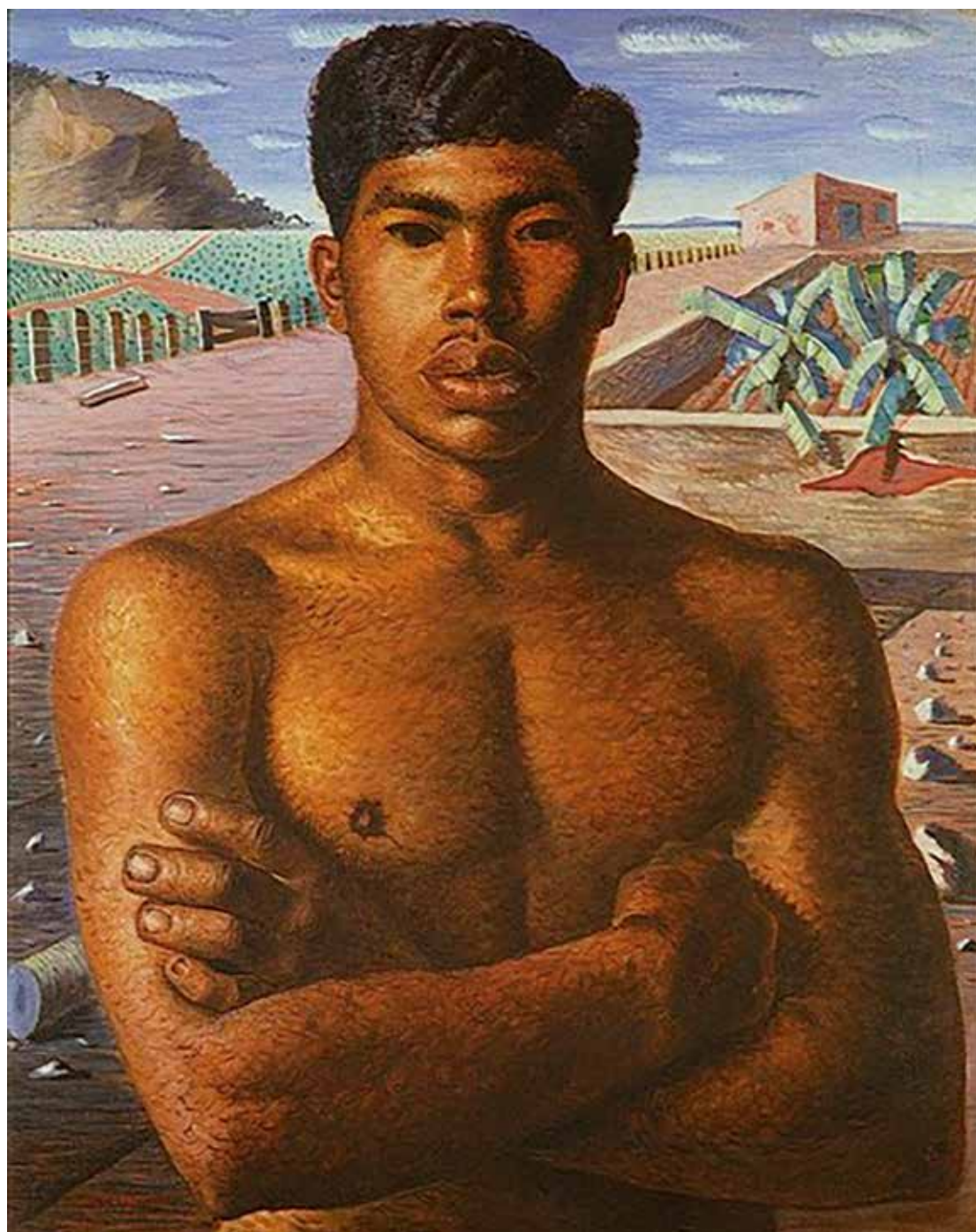
Em 1928, conquista o Prêmio de Viagem. Entre 1929 e 1931, viaja com bolsa de

estudos pela Itália, Inglaterra e Espanha, e fixa residência em Paris. Na Europa, uma experiência transformadora!

Nesse período, pinta apenas quatro quadros, porque o seu tempo é dividido entre os trabalhos e as visitas frequentes a museus, galerias e lugares de reuniões artísticas. Sabe ver os renascentistas e a pintura de vanguarda. Fica profundamente impressionado com as soluções expressionistas, com formas e cores alteradas. Porém, é o contexto social que se insinua como principal fonte de inspiração.

Conhece Maria Martinelli, com quem se casa. Sente saudades de Brodowski e escreve o que pode ser considerado um prefácio de sua futura obra – a história de Balaim: “[...] calças brancas feitas de saco de farinha; paletó listrado, com quatro botões: três pretos e um branco;

ELZA AJZENBERG é professora da Escola de Comunicações e Artes da USP e coordenadora do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes (ECA-USP).



Mestiço, 1934. Óleo sobre tela. Pinacoteca do Estado de S. Paulo



Futebol, 1935. Óleo sobre tela. Coleção particular



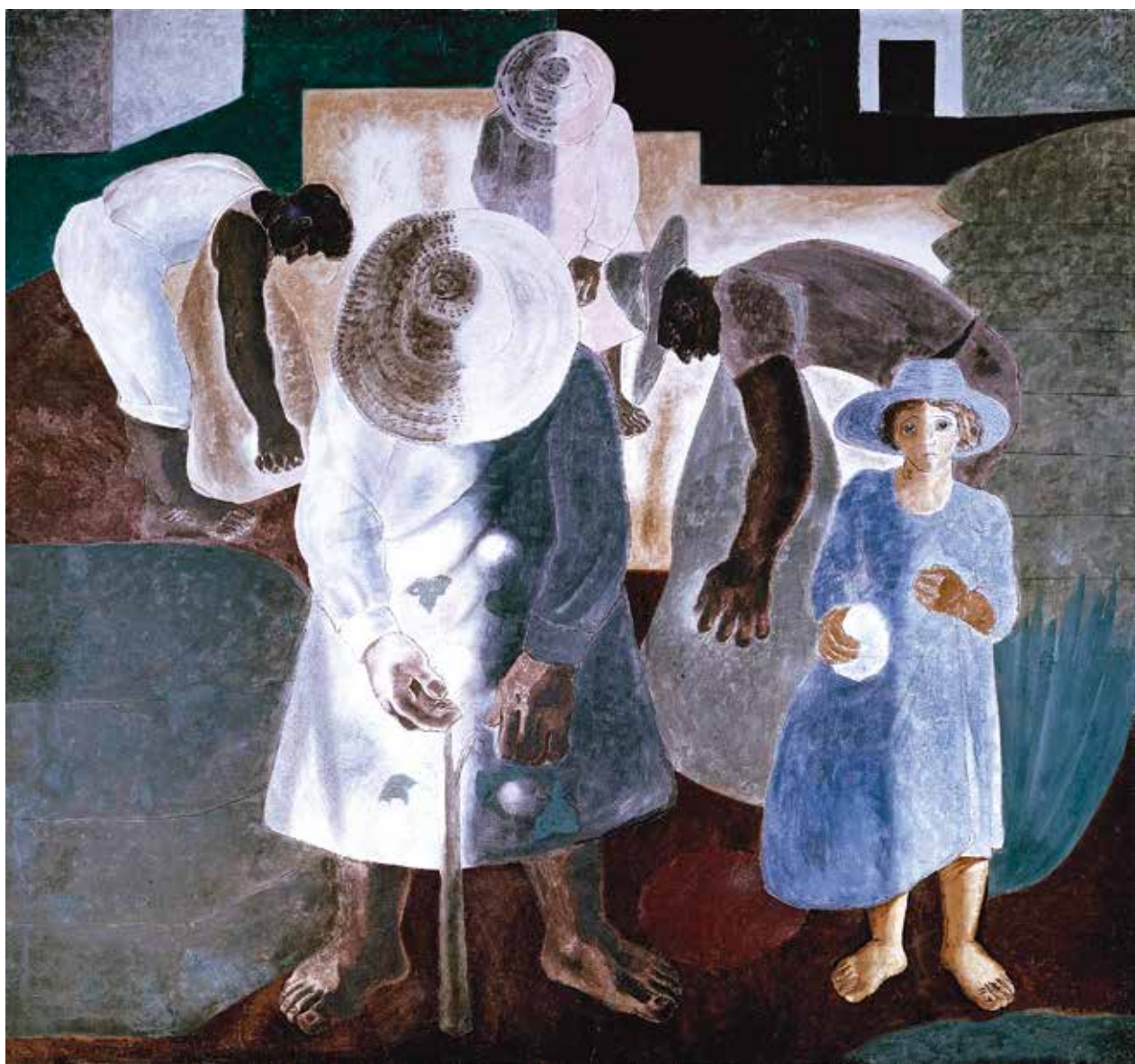
Café, 1935. Óleo sobre tela. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Fonte: Projeto Portinari

cara mole, esbranquiçada pelo amarelão, aspecto de criança doente [...] eu, quando voltar, vou ver se consigo fazer a minha terra” (Portinari apud Bandeira, 1964).

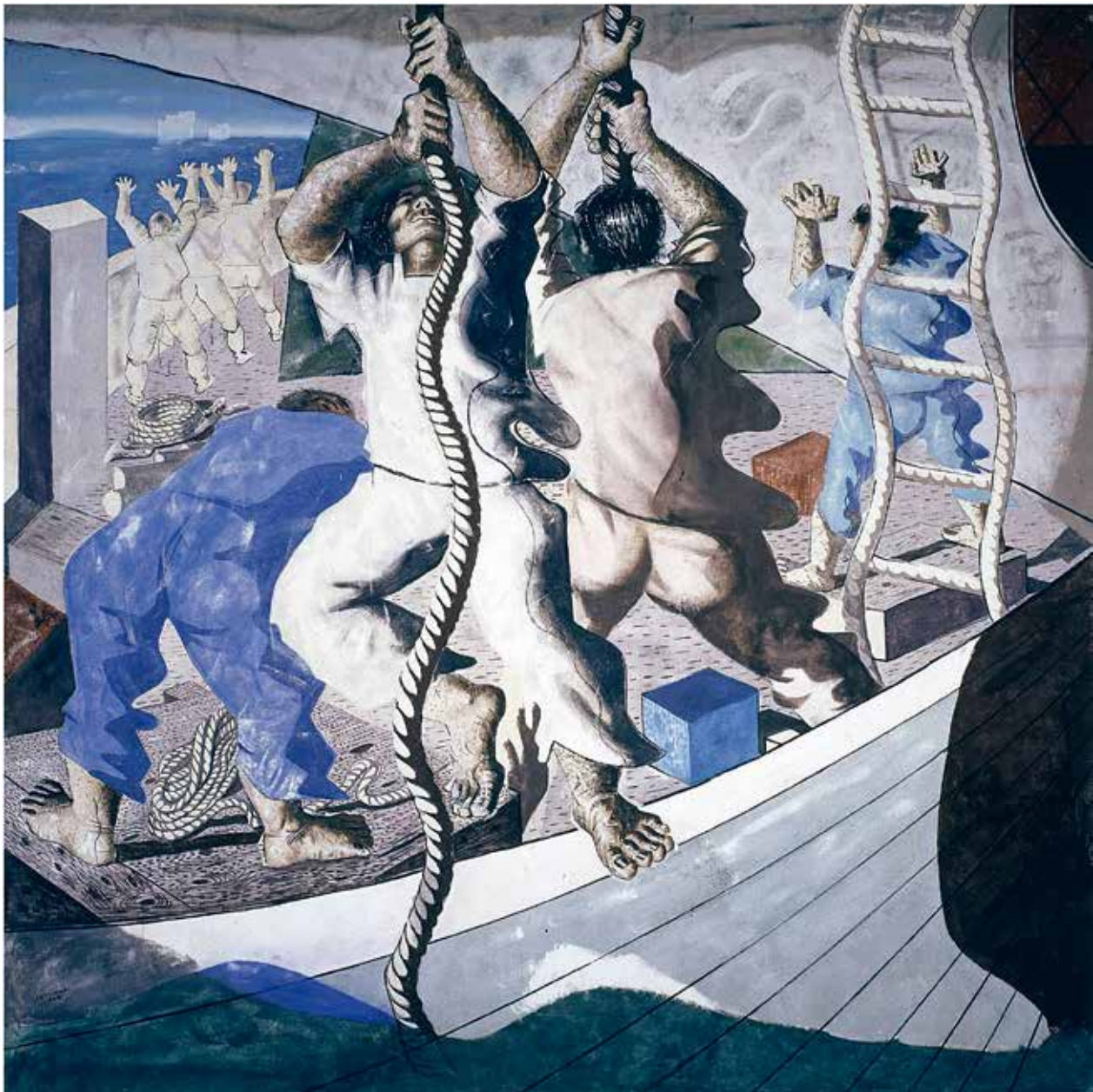
Em 1931, regressa ao Brasil. Em Brodowski, pinta um afresco influenciado pela Renascença italiana, *Fuga para o Egito* (1937), inspirado na obra de Giotto (1267-1337). Nos momentos seguintes, dedica-se a retratar o contexto brasileiro.

Em 1935, obtém reconhecimento internacional com a tela *Café*, recebendo menção honrosa na exposição do Instituto Carnegie (Pittsburgh, EUA). Nessa obra, o vigor do trabalhador, a plantação de café e as cores terrosas são elementos importantes para as futuras obras, objetivando questões plásticas e sociais.

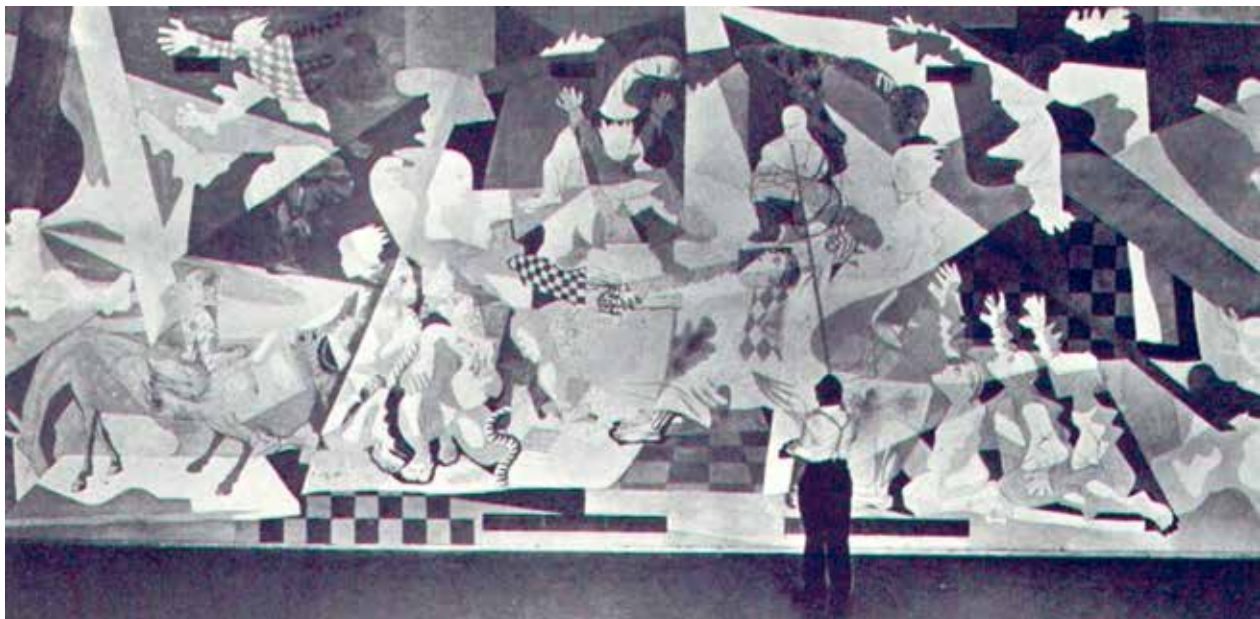
A tendência muralista de Portinari revela-se nos painéis executados no Monu-



Algodão, 1938. Pintura mural afresco. Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro



Descobrimto, 1941. Mural a têmpera. Biblioteca do Congresso, Washington, DC, EUA.
Fonte: Projeto Portinari



Portinari terminando *Jogos infantis*, no Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, c. 1940

mento Rodoviário Belvedere, na Estrada Rio-São Paulo, em 1936. A convite de Gustavo Capanema, são realizados os murais no edifício do Ministério da Educação, no Rio, retratando ciclos nacionais históricos e econômicos (1936-1944).

Em 1938, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) adquire o qua-

dro *O morro*, que René Huyghe, diretor do Louvre, aconselhara Portinari a não inutilizar. Em 1939, executa três grandes painéis para o Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova York. Em novembro do mesmo ano, expõe 269 trabalhos no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Nasce o seu único filho – João Cândido.



São Francisco de Assis, 1944. Painel de azulejos. Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha, Belo Horizonte. Fonte: Projeto Portinari



Criança morta, 1944. Óleo sobre tela. Museu de Arte de São Paulo (Masp). Fonte: Projeto Portinari



Em 1940, participa da “Exposição Latino-Americana”, no Museu Riverside de Nova York. Expõe com grande sucesso em Detroit, EUA, e no MoMA. A University of Chicago Press publica *Portinari, his life and art*, o primeiro livro sobre o artista.

Em 1942, passa alguns meses nos Estados Unidos, pintando quatro afrescos para a Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso, em Washington. No MoMA, vê *Guernica*, de Picasso, que o impressiona profundamente. Portinari analisa-o com lupa.

De volta ao Brasil, realiza, em 1943, oito painéis conhecidos como a Série Bíblica, influenciado pela visão de *Guernica* e sob o impacto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A pedido de Assis Chateaubriand, pinta uma série de murais para a Rádio Tupi do Rio, inspirados na música popular brasileira. Ilustra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O contexto trágico da Segunda Guerra Mundial está também conectado à conhecida Série Retirantes, de 1944. Altera as formas para assinalar a essência dos seres. A condição de retirantes – ou, como Portinari prefere, *despojados* –, além de expor

os sofrimentos vividos na guerra, estabelece paralelos com a árida jornada das famílias nordestinas brasileiras. Nessa série, o expressionismo de Portinari acentua rasgos na pele, utilizando instrumentos cirúrgicos. Estabelece comparativos com cenas bíblicas: *O Menino morto* retoma a *Pietà*.

“Todas as coisas
Frágeis e pobres
Se parecem comigo”
(Portinari, 1964).

Enquanto em *Criança morta* o expressionismo do artista evidencia a morte exposta, o corpo consumido pela miséria, o *Enterro na rede* mostra o reflexo da morte nas pessoas. A morte provoca revolta. Os dois homens, de punhos cerrados, carregam o morto na rede, seguindo a tradição. Formam um triângulo com a mulher no centro, de costas para o observador.

Ainda em 1944, é convidado para pintar o painel e os azulejos sobre São Francisco de Assis, na Capela da Pampulha, projeto de Oscar Niemeyer para o prefeito de Belo Horizonte – Juscelino Kubitschek. Portinari estuda o tema seguindo o *Evangelho de São João*. Nessa



Tiradentes, 1949. Têmpera sobre tela. Memorial da América Latina, São Paulo. Obra destinada, inicialmente, ao Colégio de Cataguases, MG

obra, o drama e o patético vão se acentuando à medida que os passos se aproximam da crucificação, com referências ao *Retábulo de Isenheim*, de Mathias Grunewald (1470-1528).

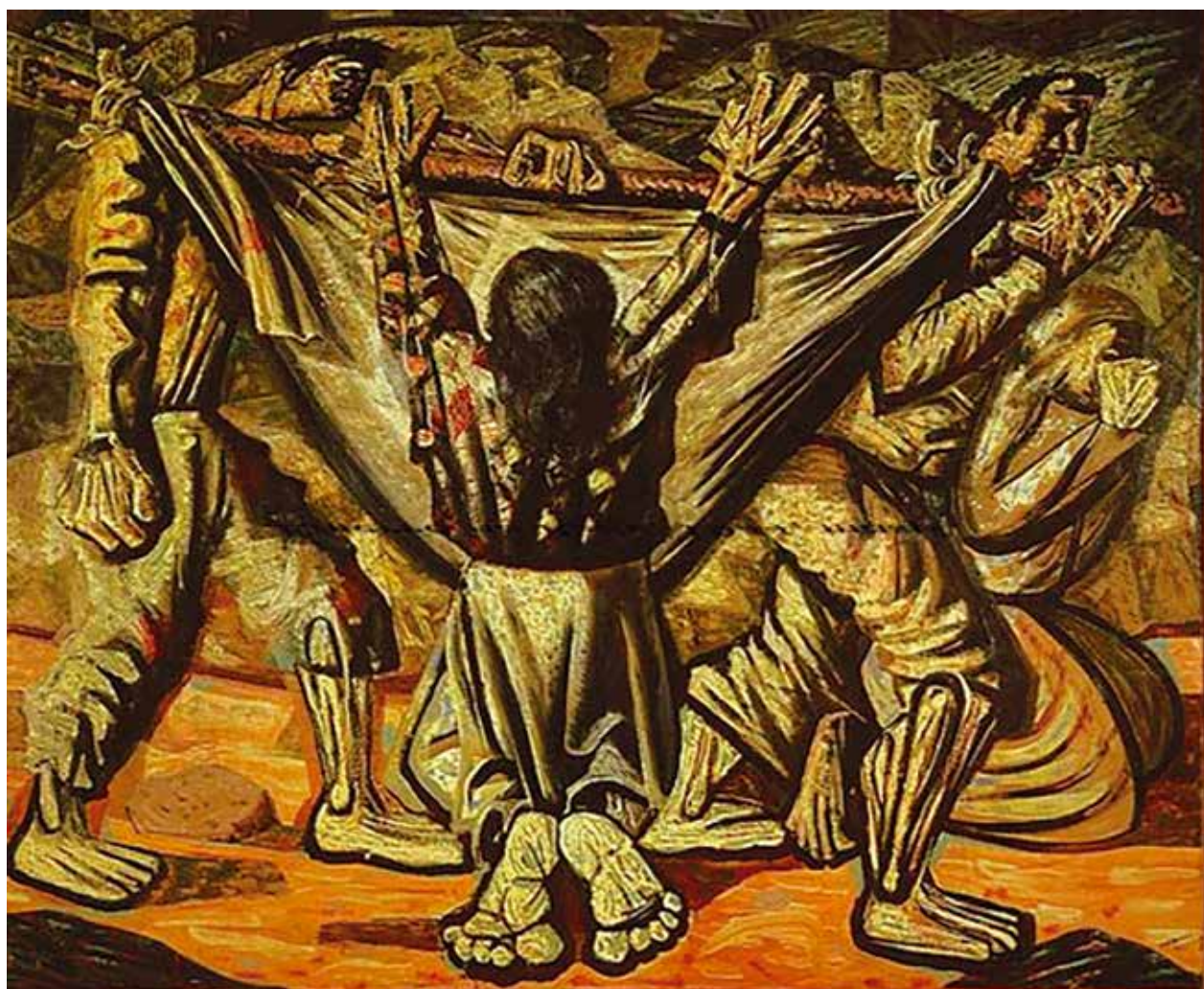
O corpo torturado lembra ainda a desarticulação de seus espantalhos – o

que já prenuncia a cena do corpo esquartejado do mural *Tiradentes*. Face à arquitetura inovadora e às imagens chocantes, a Capela da Pampulha é considerada ultrajante, permanecendo fechada por dez anos.

Os anos de 1940 somam diversas abordagens históricas. Em 1948, em Monte-



Tiradentes, 1949 (detalhe)



Enterro na rede, 1944. Óleo sobre tela. Museu de Arte de São Paulo (Masp)



Autorretrato, 1957. Óleo sobre madeira compensada

vidéu, Uruguai, pinta a *Primeira missa no Brasil*, objeto de magnífica análise de Mário Pedrosa. Em 1949, executa o painel *Tiradentes*. Trata-se da representação dos episódios e protagonistas principais da Inconfidência Mineira. A encomenda da obra foi do Colégio de Cataguases, Minas Gerais, com projeto de Oscar Niemeyer. Essa cidade registra a publicação da *Revista Verde*, na qual colaboraram vários escritores modernistas.

Posteriormente, o painel *Tiradentes* compôs o acervo da Coleção de Arte do Palácio dos Bandeirantes, e hoje se encontra no Memorial da América Latina, em São Paulo. Portinari dedica-se ao mural por quase um ano. Destaca formas geométricas, acentua cores em contraste com as

formas mais realistas das figuras humanas. A narrativa e a homenagem ao mártir da Inconfidência retomam obras anteriores do pintor. Em azul pálido, retoma a memória d'*Os retirantes* de 1944. É um quadro dentro do outro, numa fusão de símbolos e mensagens.

Nos anos seguintes, a densidade de sua produção, visibilidade e reconhecimento internacionais continuam. Em 1950, viaja à Itália e visita Chiampo, na província de Vicenza, no Vêneto, terra natal de seu pai. Expõe trabalhos na Bienal de Veneza. Em 1951, participa com sala especial da 1ª Bienal de São Paulo.

Em 1952, pinta outro painel com temática histórica – *A chegada da Família Real portuguesa à Bahia* – e inicia os estudos



Guerra e paz, 1956. Têmpera sobre tela. ONU, Nova York

dos painéis *Guerra e paz*, destinados à sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Em 1955, recebe a medalha de ouro concedida pelo International Fine Arts Council, cuja sede fica em Nova York, como melhor pintor do ano.

Em 1952, Portinari viaja a Israel, expondo em alguns museus locais. No mesmo ano, sofre intoxicação pelo uso de tintas. Um dos instrumentos com que pode continuar seu trabalho é o lápis de cor. Recorre a esse meio para poder continuar a expressar seu mundo criativo. Desse convívio com o lápis nascem várias obras, com destaque à extraordinária *Série D. Quixote* – 21 desenhos da Coleção dos Museus Castro Maya, no Rio.

Inspirado no texto de Cervantes, Portinari consegue ilustrar um mundo sim-

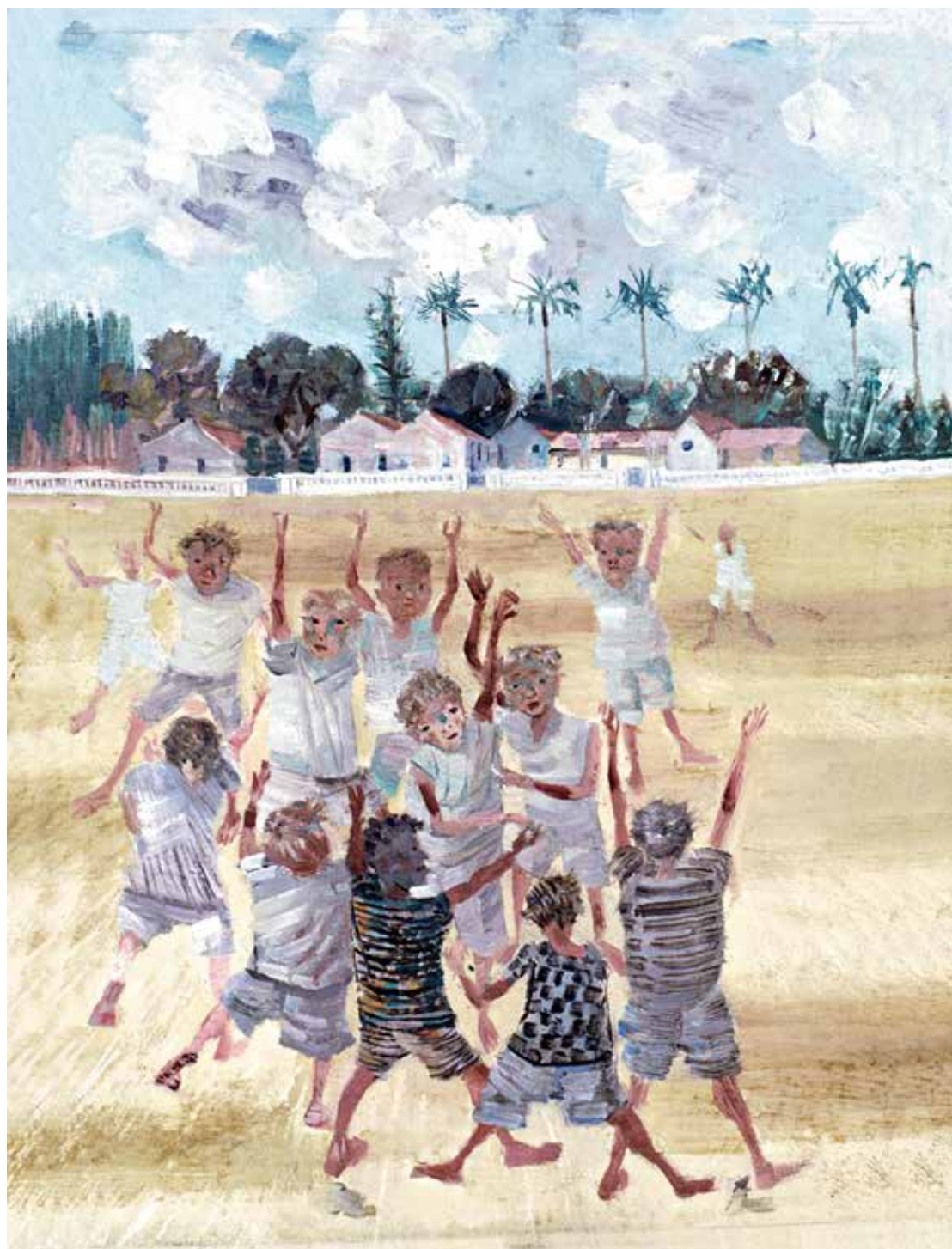
bólico, sem perder a forma humana, a intensidade e a naturalidade da vida. Entre o sonho e a realidade, exprime um mundo de fantasia, de liberdade, de aspiração do heroísmo – a apoteose do herói popular. Tal momento assinala o lirismo dos últimos anos do pintor.

Em 1957, expõe em Paris, França, e Munique, Alemanha. É o único artista brasileiro convidado a participar da exposição “50 Anos de Arte Moderna”, no Palácio das Belas Artes, em Bruxelas, Bélgica, em 1958. Em seguida, participa da 1ª Bienal de Artes Plásticas da Cidade do México.

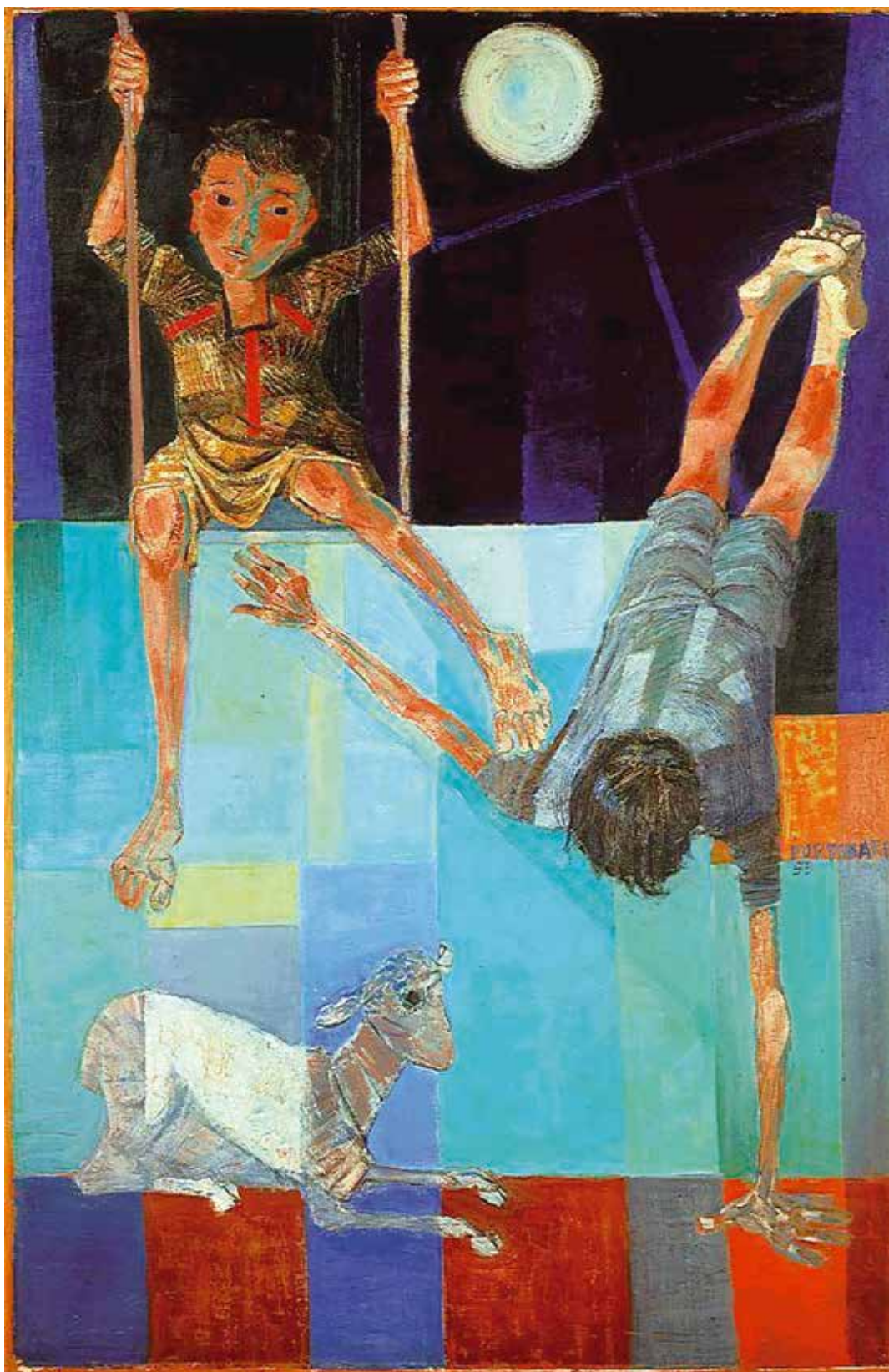
Em 1961, tem um momento de grande emoção e alegria, pelo nascimento de sua neta Denise. No mesmo ano, realiza sua última viagem à Europa.



Cavalo de pau (Série D. Quixote), 1956. Lápis de cor sobre cartão. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro



Meninos brincando, c. 1958. Óleo sobre madeira.. Coleção particular



Meninos com carneiro, 1959. Óleo sobre madeira. Coleção particular



Denise em Copacabana, 1961. Óleo sobre tela



Casa de Portinari em Brodowski, SP, hoje Museu Casa de Portinari



Candido Portinari

REFERÊNCIAS

- AJZENBERG, E. *Portinari – D. Quixote*. São Paulo, MAC-USP, 2003.
- AJZENBERG, E. *Portinari: três momentos*. São Paulo, Edusp, 2012.
- AMARAL, A. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- ANDRADE, M. de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo, Martins, 1965.
- BANDEIRA, M. "Portinari poeta", in C. Portinari. *Poemas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- BARDI, P. M. *Candido Portinari (1903-1962). Cem obras-primas de Portinari* (catálogo). São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1970.
- CALLADO, A. *Retrato de Portinari*. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/Departamento de Imprensa Nacional, 1958.
- FABRIS, A. *Portinari, pintor social*. São Paulo, ECA-USP, 1977.
- FILHO, M. *A infância de Portinari*. Rio de Janeiro, Bloch, 1966.
- LANDUCCI, L. *Portinari*. Rio de Janeiro, Penguin, 1947.
- MARTINS, L.; BENTO, A. *Portinari*. São Paulo, Graf. Brunner, 1972.
- MEIRELLES, C. *Romanceiro da Inconfidência*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1965.
- MILLIET, S. "O painel de Tiradentes". *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 6/set./1949.
- PEDROSA, M. "A missa de Portinari". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 8/ago./1948.
- PEDROSA, M. "O painel de Tiradentes". *Diário de São Paulo*. São Paulo, 18/nov./1949.
- PORTINARI, C. *Arte sacra*. Apresentação de Alceu Amoroso Lima e comentários de Frei Bruno Palma. Rio de Janeiro, Alumbramento, 1982.
- PORTINARI, C. *Poemas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.

Sites

- PORTINARI, O PINTOR SOCIAL. Disponível em: www.estado.com.br/edicao/especial/porti.
- PROJETO PORTINARI. Disponível em: www.portinari.org.br.